

Miguel Esteves Cardoso

AMORES E
SAUDADES DE
UM PORTUGUÊS
ARRELIADO

Prefácio

A não ser que sejamos narcisistas, apaixonamo-nos pelas coisas que nos separam e distinguem. Mas os nossos amores, as nossas paixões e as nossas saudades devem ser exactamente iguais, na intensidade e na maneira como as sentimos.

Gostamos de pensar que, como somos diferentes uns dos outros, também os nossos sentimentos são diferentes. Somos mais narcisistas do que pensamos. Mas conseguiremos ser diferentes no que sentimos?

Claro que não. É por isso que nos deixamos comover por coisas que acontecem a pessoas que nos são estranhas. É por isso que compreendemos os outros, mesmo quando a nossa reacção seria diferente.

Nenhum amor é especial. É por isso que o amor é especial. Nenhuma saudade é sentida com maior dor ou alegria por ser sentida por uma pessoa ou por outra. Amamos pessoas diferentes e temos saudades de coisas diferentes mas o que é mais avassalador é sermos iguais a amar e a ter saudades.

Escrever sobre um amor, quando se ama, é escrever sobre o amor. Escrever sobre o amor, quando se ama, é escrever sobre o amor pela pessoa que se ama.

Também quando nos arreliamos arreliamo-nos da mesma maneira. Achamos graça que outra pessoa se arrelie com uma coisa que nos deixa indiferentes porque sabemos o que é ficarmos arreliados.

Portugal é um país dado a amores, saudades e arrelias. Somos até capazes de juntar as três coisas – e várias vezes ao dia. Nunca estamos inteiramente no presente. Sobre-tudo porque não fazemos um grande esforço para isso. Essa é a definição mais portuguesa de perder tempo: fazer um esforço para deixar de pensar no que se pensa e de sentir o que se sente.

Juntam-se três pessoas e cada um diz “eu cá gosto...” e um “eu sinto falta é de...” de que os outros dois discordam violentamente. “Eu não!” ou “Eu cá não!” é a resposta que nos é automática, com o diagnóstico sempre implícito de “tu deves estar mas é maluco”.

Mas é o amor que temos pelos gostos e a facilidade com que falamos deles que mais nos diz acerca de nós.

Eu dantes tentava escrever colectivamente, generalizando sempre que podia. E continuo a fazer isso, como já se vê. Mas tenho aprendido que é melhor escrever sobre os meus sentimentos, sem querer falar por mais ninguém, porque é essa a melhor maneira de falar ao sentimento dos leitores.

Os leitores facilmente apagam e substituem os objectos de amor, saudade e arrelias que me agitaram, se as emoções estiverem bem contadas. Uma emoção bem contada é uma emoção que toda a gente sente. Se for evocada com lealdade ao coração, ela consegue encontrar a emoção correspondente na alma de quem a lê. Porque a emoção já lá estava; estará lá sempre.

Gosto de conversar mas deixa-me sempre insatisfeito. Conversar é mais como pensar em voz alta. Não é bom ter-se logo a reacção ao que se diz. Empurra-nos nessa direcção. Uma boa conversa é para quem conversa. Só as más conversas se aproximam do que é ler e escrever.

Ler não é partilhar uma solidão. A solidão é essencial para quem escreve mas escreve-se para partilhar emoções vividas. A melhor coisa que pode acontecer a quem escreve é alguém, do outro lado, pensar “sim, é mesmo assim”.

Já era assim antes e assim será sempre. Mas é bom apanhar uma coisa que nos está sempre a fugir e que só nos visita quando quer.

M.E.C.





AINDA ESTÁ A ACONTECER
E JÁ TENHO SAUDADES

A única coisa



A única coisa é a vida. A única coisa é a vida de cada um. Sem vida, nada feito. Viver não é a melhor coisa que há: é a única coisa.

Cada momento da vida não é único. Mas há momentos únicos. A nossa felicidade não é passá-los como quisermos. É dar por ela a aproveitá-los.

Faço uma lista das coisas más que não tenho? Das coisas boas que tenho? Porquê perder assim o meu tempo? Porquê perder assim a minha vida?

A única coisa é saber que um dia virá em que nos será tirada a vida. Para sempre. Mas, por sabermos isso, não podemos perder tempo a pensar nisso. A não ser que gostemos.

É uma sorte sabermos que vamos acabar por morrer. Que maior incitação poderíamos ter para não pensarmos mais nisso? Não viver mais é o pior que nos pode acontecer. A não ser que seja isso precisamente o que queremos. O suicídio é uma escolha que só a vida dá.

Pensar na morte é uma maneira de nos lembrarmos que estamos vivos. Aliás, tudo o que fazemos que os mortos

não podem fazer é uma maneira de nos lembrarmos que estamos vivos. Os mortos nem sequer podem pensar na morte, nem sequer no facto, por si só comezinho, de terem morrido.

Como não há nada que nós façamos que os mortos possam fazer percebe-se que a coisa principal – a única coisa – que fazemos é viver.

Por outro lado, há muitas coisas que os mortos não podem fazer que são invejáveis. Não podem sofrer. Não podem adoecer. Não podem ser responsabilizados.

Quem quiser beneficiar de todas estas vantagens negativas – uma lista inteira ocuparia todo este livro – tem bom remédio: matar-se. É mais uma coisa que os mortos não conseguem fazer. É por isso que os vivos pensam longamente no suicídio: porque só podem matar-se uma vez.

Para respeitar a vida é preciso esforçarmo-nos para respeitar os suicidas. A vida em si não é coisa boa. Também é preciso querer viver – o que, bem vistas as coisas, não é coisa menos estranha do que querer morrer.

Podemos pensar em nascer outra vez. Mas sabemos que não somos capazes disso. Por isso pensamos mais em morrer. Estão tão próximas as duas coisas como o tempo antes de nascermos e o tempo depois de termos morrido. Por alguma razão é irresistível para muitos a ideia de morrer para nascer outra vez: a reencarnação. Mas, mesmo para quem acredita nisso há sempre o pavor de não saber como é que se vai nascer outra vez. A tendência é para pensar que se vai renascer num bicho bastante pior do que o humano.

A única coisa que temos de saber é que cada um sabe de si. Nascemos e morremos sozinhos (na altura do parto

já nós estamos vivos há muitos meses). Assistem ao nosso parto e à nossa morte mas não nascem nem morrem conosco.

A única coisa nem é nascer nem morrer – são só incidentes –, mas viver.

O mundo, tal como a vida, não é bom. Mas são as únicas coisas que temos.

A única coisa é estar aqui, agora, a escrever isto. Enquanto posso. Enchendo-me de alegria.